

APRIMORAMENTO DA ESCRITA NA TERCEIRA IDADE: AÇÕES DO PROJETO MINHA MEMÓRIA, MINHA HISTÓRIA

WRITING IMPROVEMENT OF THE ELDERLY: ACTIONS OF THE PROJECT “MY MEMORY, MY STORY”

SCHARDONG, Rosangela¹

Sobre o artigo²

RESUMO

Minha Memória, Minha História é uma projeto de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) que atende um grupo da Melhor Idade do município. O projeto tem como principais objetivos valorizar a terceira idade, resgatar a memória, aprimorar as habilidades de leitura e escrita a partir da exploração de textos literários. Este artigo pretende descrever brevemente as expectativas do grupo de idosos a respeito do desenvolvimento da escrita; seus temores; as atividades propostas, a partir da heterogênea escolaridade dos participantes; as dificuldades encontradas e os caminhos trilhados para superá-las. Neste artigo espera-se reunir e analisar dados acerca da produção escrita no período de março a outubro de 2011. A observação dos dados será a partir de ensaios de Antonio Candido e Luis Percival Leme Britto, obras de Paulo Freire e Ecléa Bosi.

Palavras-chave: Leitura. Memória. Relato. Escrita.

ABSTRACT

Minha Memória, Minha História [My Memory, My Story] is an extension project of the State University of Ponta Grossa (UEPG) that helps a group of elderly people from Ponta Grossa. The project's main objectives are to value the third age people, to rescue memory, and to enhance reading and writing skills by using literary texts. This article aims to describe briefly the expectations of the elderly group regarding the development of their writing, their fears, the proposed activities based on the heterogeneous education of participants, the difficulties faced and the paths to overcome them. This paper seeks to collect and analyze data on the writing produced from March to October 2011. The data observation took place under the light of essays by Antonio Candido and Luis Percival Leme Britto, and works developed by Paulo Freire and Ecléa Bosi.

Keywords: Reading; Memory; Reporting; Writing.

¹ Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Doutorado em Letras (USP). E-mail: rschardong@uol.com.br

² Este artigo foi apresentado, com algumas alterações, no XX CELLIP, organizado pela Universidade Estadual de Londrina – PR, em outubro de 2011.

INTRODUÇÃO

Minha Memória, Minha História é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Isto significa que suas ações voltam-se ao ensino, à pesquisa e ao serviço à comunidade. Neste sentido, o Projeto propõe-se a oferecer aos acadêmicos de Letras oportunidades para desenvolver práticas de ensino em situações reais de aprendizagem junto à Casa da Terceira Idade Santa Paula³. Suas diretrizes têm em conta que, em nossos dias, é inquestionável a importância da valorização do idoso como atitude cidadã que reforça o sentido global da vida em comunidade e do respeito às diferenças. A metodologia do Projeto pauta-se no princípio de que o aprimoramento da capacidade de leitura e de escrita promove a cidadania e o bem-estar daqueles que são beneficiados por tais saberes.

Inicialmente, é importante indicar que o Projeto *Minha Memória, Minha História* surgiu a partir do contato de duas alunas, Fernanda Franquitto e Izaclis Ferreira, com a Casa da Terceira Idade Santa Paula para a realização de um trabalho acadêmico. Naquela ocasião, ouviram dos idosos a solicitação de que lhes fossem oferecidas atividades para melhorar a leitura e a escrita. A partir desta motivação foram traçados os propósitos do Projeto:

- a) Valorização do idoso,
- b) Resgate da memória,
- c) Incentivo à leitura de textos literários,
- d) Redação de poemas, contos, descrições ou relatos a partir das experiências pessoais.

Seria pertinente perguntar: por que textos literários? Porque, segundo o professor Antonio Candido, “as produções literárias, de todos os tipos e de todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano”, porque incorporam noções de ética, de política, de religião, de justiça, de conhecimento científico, assim como diversa sorte de emoções que são processadas “nas camadas do subconsciente e do inconsciente, incorporando-se em profundidade como enriquecimento difícil de avaliar” (1995, p. 248). Por isso Antonio Candido julga que a literatura “é uma necessidade universal imperiosa” e que “fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade” (loc.cit.).

Se nos programas do Ensino Fundamental e Ensino Médio a literatura deve colocar o aluno em contato com a cultura universal e com as formas cultas e elaboradas da Língua Portuguesa, no Projeto *Minha Memória, Minha História* a literatura tem outra função: *fazer viver*.

Explico: de acordo com Antonio Candido, uma das faces da literatura é ser uma forma de expressão na qual se manifestam as “emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos” (1995, p. 244). Além disso, a palavra poética nos faz *viver* as experiências alheias, isto é, rir e chorar com os episódios da vida do outro, afligir-nos com as angústias e sofrimentos da personagem que nos cativa. Por causa disso, Candido concebe a literatura como um poderoso instrumento de *humanização*, pois afina nossa capacidade de compreensão do mundo e apura as virtudes próprias do ser humano: a compaixão, a compreensão e a solidariedade.

Os meios que nos aproximam às emoções da composição literária também têm o poder de evocar nossas reminiscências. Tendo isto em conta, é pertinente esclarecer o papel atribuído ao texto literário no Projeto *Minha Memória, Minha História*: ele é o motor de todas as atividades. Primeiramente, os textos são selecionados a partir dos interesses e do conhecimento de mundo dos idosos. Para tanto, leva-se em consideração que todos eles passaram a infância e parte da juventude no meio rural, têm entre 60 e 85 anos, são católicos, constituíram família e ocuparam profissões como dona de casa, professora primária, servente, caminhoneiro, operária e, principalmente, que têm níveis de escolaridade, de domínio da leitura

3 Convém esclarecer que esta Casa recebe os idosos do bairro Santa Paula duas vezes por semana para atividades culturais, físicas e profiláticas voltadas ao bem-estar e à saúde da terceira idade. Não se trata de um asilo.

e da escrita bastante diferentes⁴.

Nos encontros na Casa da Terceira Idade Santa Paula os textos aprimoram a capacidade de leitura, favorecem a ampliação do vocabulário e dos conhecimentos gerais, uma vez que os autores escolhidos nos reportam a tempos e a lugares distintos, tais como a era do rádio, casos passados em Goiás, Minas Gerais, Foz do Iguaçu e Jerusalém, por exemplo; também divertem, intrigam e emocionam os leitores.

Em segundo lugar, a leitura tem a função de estimular a memória e convidar os participantes ao relato de experiências. Assim, por exemplo, depois de ler o poema “A escola de mestre Silvina”, de Cora Coralina, os participantes recordaram como eram as instalações de sua primeira escola, o nome da professora e dos colegas, como eram as lições e também os castigos. Quando foi explorado o conto “A alma penada”, de Anita Philipovsky, os participantes narraram histórias de Lobisomem, de Boitatá e Saci-Pererê que vivenciaram ou que lhes foram contadas por familiares. O mesmo ocorreu com textos cujo tema era a quaresma, a Páscoa, o dia das mães, as festas juninas, entre outros.

Depois da prazerosa conversa em que resgatam e compartilham suas memórias, os idosos realizam práticas escritas, geralmente voltadas ao aprimoramento da ortografia e da pontuação. Estas atividades constam de explicações teóricas seguidas de exercícios que podem ser de completar, de pesquisa no dicionário, mas também de formas lúdicas como: palavras cruzadas, caça-palavras, bingo e carta enigmática. Tais atividades têm o propósito de fixar na memória a correta ortografia, como também ser um estímulo à escrita e uma forma de prepará-los para a tarefa de casa: a redação das histórias relatadas no encontro.

Infelizmente a alegria e o entusiasmo com que são realizadas a leitura, o entendimento do texto, o relato de experiências e as atividades ortográficas não se repetem quando é solicitada a produção do texto escrito. Este dado, facilmente comprovado pelo baixo número de redações apresentadas, convida à reflexão.

Os membros da Casa da Terceira Idade Santa Paula que participam do Projeto *Minha Memória, Minha História* em sua grande maioria têm um ótimo vocabulário e se expressam com muita desenvoltura. Todos têm uma mente curiosa e ativa, interesse pelas novidades e, em geral, facilidade para expressar suas opiniões. Estes atributos lhes permitem realizar com destreza a leitura e compreensão de texto, bem como os exercícios ortográficos. Há que destacar que durante o relato de experiências os idosos são, literalmente, os *donos do saber e da palavra*. Nós, as professoras⁵, trocamos de papel e nos tornamos alunas, pois ouvimos atentas suas histórias que nos remetem a um tempo anterior ao das nossas experiências, nos descrevem costumes e cenários que não estão nos livros de História da biblioteca da Universidade, tampouco nas obras dos autores que estudamos nas disciplinas de Literatura.

Observo que o relato oral e coletivo de experiências iguala os participantes. Nestas horas todos demonstram semelhante domínio dos temas e das estratégias discursivas, domínio do vocabulário e grande habilidade para contar histórias. Os diferentes graus de escolarização não são perceptíveis, posto que toda atenção está no *assunto*, em *o que se conta*, não em *como se fala*. Prova disso é que uma senhora analfabeta participa das atividades com muito interesse. Sua animada presença nos ensina o quanto é equivocado

4 A grande maioria do grupo frequentou a escola entre dois e quatro anos. Uma pequena minoria concluiu o segundo grau.

5 Uso o termo “professoras” para designar as acadêmicas que ministram as aulas nos encontros com os idosos. É importante comentar que elas são tratadas e nomeadas como “professoras” pelos idosos. Geralmente estão presentes entre três e cinco acadêmicas que se ocupam em aplicar as atividades didáticas ou dar apoio ao grupo de idosos, auxiliando-os nas atividades escritas individuais.

pensar que os iletrados não têm nada a dizer.

Contudo, na hora do relato escrito a autonomia sobre o tema perde o brio ante as regras do registro. É possível imaginar que, na redação solicitada como tarefa de casa, a voz que se pronuncia com segurança entre olhares atentos de pessoas amigas perde a vivacidade na ponta do lápis, tremula ante as dúvidas de ortografia, esmorece ante as dificuldades da pontuação e, muitas vezes, silencia para poupar-se do esforço.

É preciso destacar duas notáveis exceções: dona Hilda e dona Lorena⁶, irmãs que tiveram na infância uma incomum experiência familiar. Sua mãe foi uma leitora voraz, mulher muito culta que gostava de ler para o marido e os filhos. Lia poesia e romances inteiros em sucessivos serões, explicava as passagens que o marido não entendia, parava quando ele adormecia. Hilda formou-se professora e Lorena até hoje é uma ávida leitora. Ambas escrevem bem e com facilidade. Foram as que mais vezes aceitaram o convite para redigir suas histórias.

Uma rápida contabilidade nos indica que, de março a junho de 2011, após 15 encontros, dona Hilda preparou 9 redações, somando 14 laudas. Sua irmã, Lorena, fez 8 redações que acumularam 32 laudas; dona Hortência, dona Margarida, dona Irma e seu João apresentaram 6 redações, de diferentes tamanhos; dona Célia fez 4; dona Sônia 3; dona Salete e dona Sandra 2; dona Josefa e dona Cemira 1.⁷

É importante destacar que o gesto de entregar o texto escrito é sempre feito com orgulho. Porém, mescla-se com a voz encabulada no momento de confessar: “- Eu fiz, mas não sei se tá certo”.

Para mim, coordenadora do Projeto, a escassez das redações nos primeiros meses foi muito frustrante. Motivada pelos ideais de Paulo Freire acerca da educação de adultos, em *A importância do ato de ler* (1982), tinha a expectativa de que a leitura e o relato de experiências culminariam em um texto escrito em que os participantes registrassem sua própria história. As palavras de Odete Semedo, poetisa de Guiné Bissau, sintetizam o ideal do mestre: “Paulo Freire afirma que quando ensinamos um homem e uma mulher a escrever lhes damos autonomia para escrever-se”⁸. Entretanto, a atitude arredia da maioria dos idosos obrigou-me a buscar outras fontes para pensar sobre a habilidade da escrita.

Nas reuniões de avaliação e planejamento das atividades do Projeto uma acadêmica ponderou que deveríamos ser compreensivas com a recusa em realizar as redações, pois os idosos “já não precisam passar por isso”.

Ante essa consideração e a configuração das divergentes perspectivas, para mim foi esclarecedor o conceito expresso por Luiz Percival Leme Britto:

Há dois conhecimentos de natureza bastante distinta no que diz respeito à língua: um saber que decorre da experiência imediata de ser falante inserido em uma determinada sociedade; e outro que supõe o conhecimento reflexivo – prático e teórico – de um objeto central na organização da cultura e da sociedade. Se o primeiro se aprende na vida prática, o segundo é fruto do trabalho social sistemático sobre a língua e deve ser aprendido pelo estudo formal e disciplinar (2008, p. 23).

6 Adverte-se que os nomes indicados são fictícios, para preservar a identidade dos participantes.

7 Dados mais precisos são: dona Hilda – 9 (14 laudas), dona Lorena – 8 (32 laudas), dona Hortência – 6 (6 laudas), dona Margarida – 6 (4 laudas), seu João – 6 (5 laudas), dona Irma – 6 (3 laudas), dona Célia – 4 (4 laudas), dona Sônia – 3 (5 laudas), dona Salete – 2 (2 laudas), dona Sandra – 2 (2 laudas), dona Josefa – 1 (1 lauda), dona Cemira – 1 (1/2 lauda).

8 Fragmento da comunicação apresentada no XIV Seminário Nacional e V Seminário Internacional Mulher e Literatura, realizado de 4 a 7 de agosto de 2011, na Universidade de Brasília.

Aprimoramento da escrita na terceira idade: ações do projeto Minha Memória, Minha História

As palavras do linguista deixam claro como foi equivocada minha expectativa de que a fluidez, a emoção, a ordem cronológica e psicológica das histórias de vida relatadas oralmente fossem transpostas para o papel. Britto sintetiza que “escrita e oralidade não são simétricas, de modo que uma não é a simples expressão da outra” (2008, p. 24).

Para considerar as complexas questões que envolvem a produção escrita, Britto destaca que vivemos em uma “sociedade grafocêntrica” (2008, p. 17), isto é, uma sociedade de classes centrada na linguagem escrita. Podemos entender, então, que o domínio desta habilidade opera como um instrumento de segregação social, de modo que quem melhor a domina e “faz mais uso dela são os grupos que detém o poder econômico e político” (2008, p. 19).

Este tema nunca foi discutido com os frequentadores do Grupo da Terceira Idade Santa Paula, mas o nosso conhecimento da sociedade da qual fazemos parte nos possibilita imaginar as múltiplas formas como aqueles que têm baixa escolaridade são constrangidos por causa de seus erros e sua pouca habilidade com a escrita. Essas experiências certamente são traumáticas e justificam a intenção de evitá-las.

Um claro exemplo, para mim, do temor ante a palavra escrita foi dado por dona Nair, idosa que participou duas ou três vezes das aulas do Projeto. Chegava tarde, se juntava ao grupo acanhada. Uma vez fiquei junto dela para auxiliá-la na transcrição de uma música. Eles deveriam ouvir a canção e completar a letra com as palavras que estavam faltando. Dona Nair mostrou-se tensa e aflita. Ouvia e reconhecia as palavras, mas pediu-me que as escrevesse. Com a voz trêmula disse que estava sem os óculos e estava vendo mal. Essa atitude foi muito diferente da que percebi nela quando a encontrei no calçadão de Ponta Grossa e, outra vez, na feira: andava e escolhia as verduras de modo altivo, seguro, dona de si, com passos e gestos firmes e... sem os óculos!

É plausível imaginar que a redação registraria os erros, as dificuldades, a deficiência daqueles que fizeram admiráveis relatos orais, que se mostraram tão destros nos relatos de experiência. Uma inversão, sem dúvida, incômoda e indesejável.

Outro aspecto inibidor que devemos considerar é a memória da repressão escolar. No dia 6 de setembro a aula iniciou com a correção de um exercício ortográfico. Seu João, interessado, havia acrescentado outros termos à lista e perguntou se a palavra *pessoa* tinha acento. Respondemos que não. “– Mas antes tinha?”, inquiriu. Confirmamos: “– Sim, antes tinha”. Ele exclamou: “– Ah, bom. Porque eu já levei lambada por causa disso”. Seu João tem problemas de visão, então pedi a sua colega, dona Margarida, que procurasse no dicionário a palavra *pessoa* para que ele visse e confirmasse como é a ortografia atual. Ele observou e repetiu: “– É, mas tinha, porque eu levei lambada por causa disso”. A mágoa do menino ressoou na voz do idoso. Na memória dele e de seus colegas pode haver muitas recordações traumáticas sobre o aprendizado da Língua Portuguesa.

Outros fatores mais objetivos, contudo, podem guiar a análise sobre a rejeição à prática escrita, tais como a extensão da atividade e o contexto da redação. Buscando novas estratégias para estimular a escrita, na semana do dia das mães foi solicitada a realização de uma redação durante a aula. Primeiramente foi lido o poema “Mãe”, da poetisa pontagrossense Jaíra Boruck Nunes. Depois de comentar o poema foi proposto aos participantes que fizessem uma breve descrição de sua mãe. Todos aceitaram a atividade e

a ela se aplicaram, pois sabiam o que dizer. Mencionaram o nome, descreveram o porte, o temperamento, o que ela mais gostava de fazer, quais eram suas habilidades manuais e seus dotes culinários. Todos homenagearam suas mães com palavras carinhosas.

Durante a redação as dúvidas ortográficas, comuns nas atividades escritas feitas durante as aulas, não foram manifestas. Só depois de terminados os textos as professoras se ofereceram para ouvir individualmente a leitura e para solucionar possíveis dificuldades. Concluída a fase da escrita, todos leram seus textos para o grande grupo, visivelmente emocionados.

Observamos que a atividade foi feita com relativa facilidade. Creio que o êxito deveu-se, em primeiro lugar, ao tema. A mídia, o comércio e as conversas giravam em torno do dia das mães. Em segundo lugar, à escolha do poema. O fato de que uma autora local, sexagenária, expresse em seus versos a saudade da mãe certamente gerou grande empatia entre o poema e os leitores, motivando-os a escrever. Em terceiro lugar, penso que o sucesso da atividade deveu-se também ao ambiente de sincero respeito e confiança que se estabeleceu entre os participantes, inclusive, entre eles e as professoras. Provavelmente o ambiente seguro dissipou o receio de errar. Além disso, toda a atenção estava em *o que* se ia dizer, não em *como*.

Esta experiência impressionou as professoras e gerou uma nova estratégia para estimular a redação como tarefa de casa: em vez de solicitar que escrevessem uma história, passamos a pedir que redigissem textos curtos, por exemplo, ditados populares, versos rimados, uma propaganda do rádio, entre outros. Talvez pela brevidade do texto e pela ênfase no conteúdo, estas atividades foram realizadas por um número maior de participantes.

Aqui é preciso fazer uma ressalva, a de que a resistência à prática escrita deu-se exclusivamente no registro das histórias de vida, que supõem textos longos e de considerável complexidade. Esta modalidade se distingue de outra categoria de tarefa para casa: a das atividades escritas destinadas à coordenação motora fina, à ampliação e fixação do vocabulário e da ortografia. Este tipo de exercício sempre foi muito atraente. Ouvimos inúmeros relatos que indicam o empenho dos idosos na realização de tais exercícios, assim como frequentes depoimentos sobre a ajuda que receberam de suas filhas e filhos, netos, genros e até mesmo vizinhos para fazer a lição.

Nos primeiros encontros, surpreendeu-nos o relato de dona Josefa, que é analfabeta, sobre como seus netos gostaram da cruzadinha que ela levou como tarefa. Observando as recentes redações de dona Hortência, que depois de iniciar as atividades do Projeto matriculou-se no EJA, notam-se algumas palavras e frases escritas com uma bem talhada letra feminina. Como ela mora com o filho e o neto, suponho que conte com a ajuda de sua professora do EJA para a preparação das tarefas.

Caso curioso foi relatado no dia 10 de outubro, quando todos deveriam trazer solucionado um exercício de adivinhação, tendo como tema os animais. Entre questões fáceis como “quem é o pai dos pintinhos?” ou “qual é o inseto que produz mel?” havia outras de dificuldade maior, como “batráquio é sinônimo de...?”, para completar com quatro letras. Na ocasião da correção, dona Salete contou-nos que tem um vizinho, seu compadre, que a ajuda com as lições, pois ele é estudado, fez seminário. No dia anterior ele

lhe perguntou: “– Não tem lição para amanhã, comadre?” Ela, que já tinha procurado o significado de batráquio no dicionário, sem encontrar, mostrou-lhe o exercício. Ele, então, disse-lhe: “– Batráquio é sapo, comadre”.

Podemos supor que os participantes do Projeto *Minha Memória, Minha História* orgulham-se em mostrar aos seus familiares e amigos que estão aprendendo coisas novas, enfrentando desafios, superando dificuldades. Com sua pasta de atividades provam que sua mente está viva e bem ativa, o que lhes traz grande bem-estar.

Dona Josefa, senhora analfabeta de 83 anos, emociona-nos frequentemente com a assiduidade de suas lições, também com a sua indignação quando o neto não quis fazer sua tarefa. Neste caso, ela solicita que uma das professoras a complete, para que ela acompanhe a correção junto com as colegas.

Vir às aulas com a lição feita é um orgulho para dona Josefa e para todos os participantes. Este desafio e este prazer intensificaram-se a partir de julho, quando decidimos oferecer-lhes leituras mais longas. Durante as férias eles deveriam ler o conto “É mandinga, sinhá!”, de Ivany de Castro Bandeira, professora de Uberlândia que reúne relatos de sua mãe na coletânea *Histórias que ouvi contar* (1985). Apesar de curto, o conto tem um enredo complexo, pois registra diferentes vozes de uma comunidade que especulam sobre o nascimento de uma criança diferente. Vinte questões de compreensão do texto e uma de interpretação acompanharam a história de duas laudas. O texto trouxe dificuldades de leitura, mas também muita curiosidade e interesse em compreender bem e responder corretamente as questões.

Para nossa surpresa, a grande maioria dos idosos voltou às atividades em agosto com todas as questões respondidas. Foram necessários dois encontros para a correção, pois algumas questões suscitaram diferentes respostas, fruto das possibilidades do próprio texto e das escolhas individuais dos termos para expressar sua compreensão. Isto gerou nos idosos o desejo de confirmar que o seu modo de responder estava correto e exigiu a leitura em voz alta e individual de cada item. Um claro sinal desta expectativa foi evidenciado por dona Margarida, que com o lápis sinalizava em sua folha a questão que estava sendo corrigida e, com o olhar atento, esperava que fosse chamada para ler.

Essa atividade, mais complicada, revelou que alguns participantes lançaram mão de estratégias de escrita. Por exemplo, dona Célia fez um resumo do texto antes de responder as questões e dona Sandra fez um rascunho de suas respostas, antes de passá-las à folha de exercícios.

O conto “É mandinga, sinhá!” abriu as atividades do segundo semestre e inaugurou uma nova fase do Projeto, a das leituras longas, feitas em casa, acompanhadas de questões de compreensão e interpretação do texto. Esta fase, sem dúvida, assinala a evolução da capacidade de leitura dos participantes. No âmbito da escrita, revela uma sensível diminuição da rejeição ao ato de escrever.

Refletindo sobre esta constatação, julgo que é correto pensar que a resistência à escrita neutralizou-se ante as atividades direcionadas à compreensão do texto. Possivelmente porque, em tais atividades, a escrita serviu como instrumento para confirmar a habilidade da leitura, esta sim, cada vez mais atrativa para os idosos. A escrita que registra a resposta correta do aprendiz indica que a palavra do autor, do universo letrado, foi devidamente

decifrada e compreendida. Perde, portanto, o efeito constrangedor anteriormente manifesto. Penso que a escrita que comprova a compreensão do texto impresso representa a eficaz interação dos idosos com a “sociedade grafocêntrica” e que, para eles, esta conquista tem um valor singular.

A mesma aplicação à leitura e aos exercícios escritos de compreensão e interpretação do texto foi observada nas aulas seguintes, em que foram lidos contos de duas a quatro laudas como, por exemplo, “Alicerce” (2001), de Geni Guimarães, e “O homem da pá” (2010), de Achilles Bonnassi.

Estou convencida de que a passagem de textos mais curtos para os mais longos e complexos foi possível pelo crescente entusiasmo dos idosos pela leitura. Esse processo foi favorecido, sem dúvida, pela eficaz graduação das dificuldades, vencidas pouco a pouco. Julgo que o ambiente de respeito, vindo das professoras e dos colegas, teve um efeito estimulante que foi diminuindo o receio de errar e, ao mesmo tempo, aumentando a confiança dos idosos em sua capacidade de aprender.

Além disso, creio que o elemento crucial para o sucesso das atividades de leitura de textos literários foi a estratégia de aliar a *leitura da palavra* à *leitura do mundo*. Uma vez que a seleção dos textos primou pela escolha de temas próximos à experiência de vida dos idosos, todos os participantes sempre tinham conhecimentos prévios sobre o assunto, o que certamente facilitou a construção do significado da palavra escrita. Também há que destacar o papel fundamental das professoras, que atuaram como mediadoras nas práticas de leitura, ação indispensável para a promoção desta habilidade.

No que diz respeito ao aprimoramento da escrita, julgo que foi menos notável, mas não menos significativo. Parece-me correto afirmar que a diminuição dos filtros afetivos em relação ao ato de escrever resultou do respeito às dificuldades dos idosos na correção de suas redações, atividades ortográficas e gramaticais. Deve-se mencionar que tais atividades foram planejadas a partir dos equívocos identificados nos textos escritos dos idosos, o que deu maior pertinência à aplicação aos temas propostos. Assim, as regras de ortografia, de pontuação, de uso das maiúsculas, por exemplo, foram abordadas como instrumentos para apoiar e melhorar a prática da escrita. Observou-se que, de fato, os exercícios cumpriram sua função.

Para não me alongar, convém dizer que os encontros com os participantes do Projeto *Minha Memória, Minha História* nos indicam que as atividades com vistas ao aprimoramento das habilidades de leitura e de escrita, por meio da literatura e do resgate da memória, trouxeram considerável bem-estar aos idosos, valorizando notadamente suas capacidades. Porém, a conclusão mais relevante é que mais do que *escrever* sua experiência de vida, como eu supunha, os idosos têm muito mais interesse em *contar* suas memórias, olhos nos olhos, para alguém que lhes *dê a palavra* e se mostre capaz de alimentar uma frutífera conversa.

Acredito que a meta que o Projeto cumpriu melhor, no período observado, foi a de *atender os idosos*, considerando-se que *atender*, na 11ª acepção apresentada no *Dicionário Aurélio* é “escutar atentamente” (1986, p.192). Ouvir com atenção supõe respeito com o falante. Desse respeito nasce a confiança necessária para abrir a caixa das memórias e tratar de temas considerados ultrapassados; nasce a confiança para falar e escrever sobre coisas

que já não existem mais, sem o temor de ser considerado “caduco”, como testemunham dona Josefa e dona Sandra.

A ação primordial de *ouvir* permitiu que os objetivos gerais do Projeto se efetivassem: a valorização do idoso e o resgate da memória. Ouvindo atentamente o relato dos velhos realizaram-se outras metas implícitas: a promoção da cidadania e da *humanização*. *Humanização* dos participantes, pelo contato com a literatura, pela oportunidade de demonstrar e aprimorar seus saberes, pela chance de contar sua história e, igualmente, a *humanização* das acadêmicas, pois, como afirma Ecléa Bosi, “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda (...) semelhante a uma obra de arte” (1979, p. 41), pois traz consigo uma riqueza e uma diversidade cultural à qual só podemos ter acesso através da memória. Assim, podemos concluir que, se neste Projeto oferecemos a *arte literária* aos idosos, eles nos recompensaram duplamente com a *arte da vida* revelada através da *arte de conversar*.

Espero que a divulgação destes dados e reflexões colabore para que a universidade e a sociedade do século XXI, atentas às múltiplas manifestações culturais e sociais, preocupadas com a biodiversidade e a bioética, voltem olhos e ouvidos para os mais velhos, dêem relevância à *vida* preservada em sua *memória*. Desejo que se efetive a valorização do idoso em nossa sociedade grafocêntrica, industrial, tecnológica e globalizada, a fim de que “nenhuma forma da humanidade seja excluída da Humanidade” (BOSI, 1979, p. 39).



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Ivany Castro. É mandinga, sinhá! In: *Historias que ouvi contar*. Uberlândia: EDUFU, 1985, p. 28-30.
- BONASSI, Achilles. O homem da pá. In: *Relatos inesquecíveis*. Concórdia – SC: Ed. do Autor, 2010, p. 104-113.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação lingüística escolar: para além das obviedades. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (org.). *Estudos de linguagem e currículo de Letras: diálogos (im)possíveis*. Ponta Grossa: EDUEPG, 2008, p. 15 - 29.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 7. ed. São Paulo: Global, 1985.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1984.
- GUIMARÃES, Geni. Alicerce. In: *Leite do peito*. Belo Horizonte: Mazza, 2001, p. 67-72.
- NUNES, Jaíra Boruck. Mãe. In: *Ao despertar*. Ponta Grossa: Ed. do Autor, s/d, p. 28-31.
- PHILIPOVSKY, Anita. A alma penada. In: SANTOS, Luísa Cristina dos. *Anita Philipovsky: a princesa dos campos*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2002, p. 158-163.

Artigo recebido em:
19/03/2012

Aceito para publicação em:
02/09/2013

